

EDITORIAL

UMA PALAVRA DE ESPERANÇA

AP2277

Neste momento, em que vivemos uma nova idade média, em que a humanidade se debate numa crise jamais conhecida da história, em que os padrões são alterados levando a destruição da arte, da religião, da pátria, da família, ainda permanece incólume a ciência. E já, dentre as ciências, a medicina, sendo a mais vulnerável, está sendo também lentamente corroída. Neste momento, em que a humanidade está numa encruzilhada, vale a pena uma palavra de otimismo. A esperança no novo renascimento que haverá de surgir. E compete a nós, médicos, mantermos nossa fé nesse futuro. Lutemos pela idéia de que nem tudo está perdido. E que a nossa fé seja revelada pelo amor a vida humana. Que o médico nunca olvide o remédio que os laboratórios jamais conseguirão fabricar — a sua palavra —, traduzindo confiança, amor e esperança. Em meio da aflição de um espírito abalado pelo terror da doença e da morte, a palavra do médico, assinala Clovis Bopp, e a sua presença, possuem “a força do sortilégio que abranda a fúria do vendaval”. O remédio é, muitas vezes, um mero pretexto de curar, um simples catalisador entre o médico e o paciente. A prática da medicina é sempre um ato de fé e de amor. Nêle, disse Aloisio de Castro, “há alguma coisa de divino, de superior, que nos orienta e que nos inspira, quando tocamos com as mãos o corpo de um paciente”. Que o médico penetre o fundo das almas e dê sempre ao que sofre e que para êle apelou, mais do que a técnica da sua arte, a sua força afetiva e o calor do seu próprio coração. Mesmo nesta era do cérebro eletrônico, dos cosmonautas e da bomba atômica, as relações entre mé-

dico e doente ainda não foram e não serão jamais alteradas em sua essência.

A maior grandeza da Medicina, reside neste movimento primitivo e bíblico do que pede e do que dá. É um gesto simples e espontâneo, ditado pela necessidade e atendido pela diferenciação profissional. É o gesto de todos os tempos que assegura a perenidade da medicina, através das vicissitudes do mundo contemporâneo.

Dar-se é a filosofia do médico. É muito mais importante a ciência do amor do que o amor a ciência. Por isso, a Medicina jamais será uma profissão mas sim uma dimensão alta da própria existência humana.

LEÃO JOÃO POUZA MACHADO
PRESIDENTE DA SBA

CAPA NOVA

A partir deste número, a Revista se apresentará com nova capa, com uma composição gráfica moderna e dinâmica, adaptando-se ao jornalismo científico atual.

Iniciou-se também uma seção de correspondência, visando um maior entrosamento entre os leitores, e, no próximo número teremos uma nova seção de resumos de artigos de revistas estrangeiras, para tanto contaremos com um grupo de colaboradores selecionados.

A redação solicita aos colegas que enviem sugestões e colaborações.

O REDATOR CHEFE